

ESCUITA DISRUPTIVA E OLHOS TECNOLÓGICOS: FANTASIAS FILMADAS NO INCONSCIENTE DE ESTAGIÁRIOS CLÍNICOS

Marcelo Gonçalves Rodrigues
marcelo_gonc@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/2672099639370818>

RESUMO

O presente artigo objetiva articular reflexões teóricas e aproximações entre a psicanálise e as novas tecnologias da informação e comunicação. Dialogar junto das descobertas da nova era digital e da dinâmica intersubjetiva da práxis da escuta e acolhimento, a experiência no espectro da prestação de serviços psicológicos de clínica-escola realizados por meio da modalidade remota por estagiários de psicologia clínica.

Palavras-chave: Tecnociência; Psicanálise; Supervisão; Inteligência Artificial

Introdução

Inteligência artificial e big data, algoritmos de redes neurais e computação cognitiva, sistemas de aprendizado de máquina e neurocomputação. Cada vez mais, estes significantes marcam e moldam multiplamente as estruturas e formas materiais e as tendências das inscrições sociais. As novas tecnologias de mídia mais constituem do que simplesmente mediam as relações interconectadas nos ambientes das redes tecnosociais, precisamente nomeadas por Bauman (2007) enquanto porções particulares por demonstrarem íntimos atos análogos aos de confissão religiosa, ao passo que, são ações móveis de exposição pública. Em razão da pandemia da COVID-19 a junção dessas tecnologias nos diversificados espaços profissionais e pessoais foi a operação fundamental, mesmo de modo superficial de simulação, para amenizar o luto e sofrimento, distância e confinamento, e também em certa medida, promover o funcionamento de parcelas significativas das atividades em nível global.

No entanto, esse ritmo surgiu e não foi sem problemas de variadas ordens, já que as inúmeras questões e desafios prontamente foram se estabelecendo ao desabrochar a existência de um horizonte de carência de acessibilidade e inclusão¹. A exclusão tecnológica parece que somente se tornou perceptível à maioria no momento em que as urgências de execução de atividades mais exigentes de logística, elaboração e concentração como trabalho e estudo, ficaram exclusivamente dependentes do processo de eficiência dessas novas tecnologias da informação e comunicação. Afinal, o anúncio ofertado sobre produtos como o Home Office e EAD sempre se baseou na ilusão de previsão e controle do tempo para acessar e realizar as tarefas e o trabalho a partir da pluralidade de qualquer localização. Muito além dessa toada, significa um suposto poder personalizado ao indivíduo para escolher sobre a utilização da forma do objeto interacional, dos espaços e da temporalidade, ou seja, versatilidade e maleabilidade mútuas no envolvimento imediato dessas representações mutativas.

1 Conforme o relatório da UNICEF-ITU, organizado em novembro de 2020, cerca de dois terços das crianças em idade escolar no mundo, algo próximo a 1,3 bilhão de crianças, de 3 a 17 anos, não tem acesso à internet em casa. Em 2019, o *Facebook Connectivity* junto à *The Economist Intelligence Unit*, haviam executado amplo estudo sobre os índices de conectividade global, os dados apontaram que, 3,8 bilhões de pessoas não possuem acesso à internet.

Nesse sentido, não obstante o isolamento, muitos profissionais do ensino ficaram acompanhados da nova possibilidade comunicacional de aplicação instrumental à educação e de suas responsabilidades éticas implicadas neste ensejo crítico. Aqui, um dos intentos é apresentar questões e orientações reflexivas da viabilidade da transmissão do ensino psicanalítico, da escuta e da construção do caso clínico nas supervisões no transcorrer dessa experiência de modalidade remota em meio a uma gama de dificuldades concretas e abstratas. Para além de algumas constatações de sentido prático e protocolar com vista à segurança, à saúde e na incumbência de fornecer o retorno do conhecimento na promoção do cuidado à comunidade atendida, a preocupação com este deslocamento recompõe considerar o referencial do atendimento institucional da clínica-escola e da práxis da supervisão de estágio curricular, das situações, dos tempos lógicos, dos fragmentos e de seus destinos enquanto possibilidade de escuta, uma vez que, o serviço de acolhimento fora realizado por aplicativos de mensagens instantâneas com videochamada restrito ao público adulto.

As estratégias teóricas e de atuação precisaram, antes de tudo, ser revisadas e alinhadas à regência da esfera digital: pensar nos trâmites legislativos, nas burocracias, nas lacunas para os riscos de vieses e ações antiéticas e principalmente nas tecnopolíticas de modo específico e amplo. Justamente a este respeito, então, o presente artigo objetiva dialogar e aproximar a discussão da psicanálise desse impasse entre a utilização dessas ferramentas e o exercício de escuta com vistas a destacar a dinâmica intersubjetiva da supervisão clínica psicanalítica em face dos dispositivos das plataformas de mídias. Apontar também de forma singela reflexões teóricas e considerações sobre as interações entre as novas tecnologias digitais e a psicanálise e suas implicações ao campo da subjetividade de estagiários em psicologia clínica e de seus pacientes.

Reprojeção das experiências sensoriais e técnicas

Difícil seria imaginar que uma pandemia viral-biológica iria acelerar uma revolução digital, que, aliás, de início como uma imposição acidental, tem se amplificado de modo generalizado e com aspecto de solidez na presença da vida cotidiana. Com maior capacidade de conexão em rede, de funcionalidade e de maior portabilidade das tecnologias móveis, a captura, a manipulação e a publicização de informações pessoais,

retratam a transformação das experiências no contexto desses cenários. Muito por isso, reforçam a permanência desse modelo como a tábua de salvação em circunstâncias de crise difusa como a da pandemia. Os traços dessa maximização estão na potencialização dos mecanismos de pesquisa e busca; nos entretenimentos, nos ditos influenciadores digitais, nos serviços de e-commerce, de transações online, nas demandas por treinamentos, reciclagem e atualização.

Consoante aos dados processados em 2019 pela *Visual Capitalist* com a questão “*This is happens in an internet minute*”, revelaram o fluxo em escala de utilização da internet por minuto via seus infográficos: aproximadamente 4 milhões de buscas no *Google*; 4,5 milhões de vídeos no *Youtube*; 42 milhões de mensagens no *Facebook* e *WhatsApp*; e, 188 milhões de *emails* por minuto. Em síntese, compilação de atividades designadas de essenciais com dependência relativa e absoluta da velocidade e ubiquidade dos recursos eletrônicos. Todas essas quebras de fronteiras fomentam os passos futuros de uma arquitetura de rede com comparações de desempenho e condições de vida, de mercado, previsão de eventos macro, medição de riscos virtuais econômicos e geopolíticos. Mas a posse de apetrechos técnicos imbuídos com inteligência acionável teria correspondência com maior probabilidade de aprendizado, de ações criativas, de menos ansiedade, de mais dinamismo e autonomia?

Evidente que não há um receituário de resposta definitiva ou unidirecional do fenômeno, contudo, em linhas basais, melhor conectividade e acessibilidade de internet podem resultar em maior capacidade de aprendizado e qualidade de ensino. Perante isso, não se pode confundir distrações, vícios e compulsão por *smartphones*, *vlogger*, *tag* e aplicativos com as habilidades digitais à organização e engenho, disponibilidade de recursos e de propriedades-chave à eficácia lógica de complexas tecnologias. Os usuários das plataformas são a representação de avatares de linhas de montagem de seus próprios conteúdos gerados nas redes sociais. Como se não fosse possível discernir o objeto vendido do indivíduo produtor. Os atores humanos se confundem com o *streaming* na produção de dados, sendo capturados na trama da malha computacional e ofertados num misto comunitário de individualização e socialização dessubjetivada em um acórdão de mercantilização fetichista da imagem de si.

O pensamento convencional mais pragmático acerca das novas tecnologias tenciona formatá-las como a condição fundamental de abertura à participação mais ativa da sociedade. Dean (2010), assim, argumenta que as redes de interconexão de espetáculo recreativo podem ser a materialização do ideal democrático de informação, comunicação e também a difusão de acesso de oportunidades. Ao mesmo tempo em que, não se pode ignorar sua contraface cultural de um capitalismo comunicativo cujas entranhas trazem agências políticas de policiamento e rastreamento necessárias ao fortalecimento tecnocrático do neoliberalismo globalizado. Nas pontuações do autor, os usuários são literalmente capturados em redes enviesadas na permuta de dados ambíguos, que professam a circulação, produção de giros insistentes de desejos particulares: entrar, sair, clicar, gostar, desgostar, cutucar, deslizar e compartilhar, ao fim, repetir o mesmo ciclo de falsa satisfação autorreferencial egoica.

Essas mesmas deslocções traduzem semelhanças metonímicas com as pulsões genitais infantis – oral e anal – provenientes das sensações de descobertas masturbatórias, retenção e expulsão dos dejetos, abrir e fechar, morder e cheirar, apertar e cutucar orifícios, buracos, faltas simbólicas, espiar para ser visto e percebido. A noção lacaniana de eficácia simbólica, para Dean (2010), passa a ser quase destituída de seu lugar central, pois o corpo falante no estatuto do online é caracterizado por circuitos unitários e quebradiços. Exatamente no interior dessa ligação que é possível transpor tal imagem contemporânea à energia pulsional psicanalítica. A circulação do objeto ao seu retorno e fonte mostra o contorno da pulsão para Lacan (1964/1979), no caso, o objeto de pulsão munido de órgãos auxiliares não se movimenta em busca de um objetivo específico, e sim, de um significado em si mesmo numa representação de apenas circular o objeto *ad aeternum* sem jamais conseguir detê-lo.

Essa ânsia para encontrar um objeto perdido marca o corpo e reescreve seus limites biológicos e sociais conforme aumenta a dependência dos recursos de tecnologia. Os avanços dessas inspirações tecnológicas como a inteligência artificial (IA), poder de sugestibilidade, por um lado, impressionam e também sinalizam que as suas determinações e fins ao interferirem de modo quase decisivo nas escolhas, consumos, preferências e intimidades pessoais promovem interações importantes e constantes com

o ser humano a ponto de construir, modificar ou modular as subjetividades. Tanto quanto Freud (1937-39/2018) postula que o psiquismo é incompleto em contínua falta objetual e somente se constituirá na troca interacional de alteridade com o outro, estruturando que o único campo que não nasce desenvolvido é o psíquico, Meloni, Williams e Martin (2016), irão comparar a complexidade do cérebro humano com um dispositivo de grande conexão moldado pela influência do meio social, que jaz na interação sensorial em tempo real com coisas e pessoas a grandes distâncias, núcleos que afetam, aproximam e dão o tom de alívio do desamparo e ou solidão.

Tecnicamente isso significa a consequência do binômio fundamentado na interatividade intuitiva humano-máquina ou cérebro computacional cujo principal propósito é alcançar, sem margens de erro, a replicação das propriedades neuroelásticas e neuroplásticas do cérebro humano, essencialmente, hardware neuromórficos simuladores de neurônios e conexões sinápticas como destaca Kelly (2015). Em suma, reproduzir funções cerebrais específicas de tal modo que haja uma rede de programação e aproximação entre o sistema biológico e o computacional. Se o princípio basilar psicanalítico constitui-se primariamente nos participios do repetir, elaborar e recordar como método de dissolver a cadeia de associação livre, numa redimensão dos conflitos e traumas, tal sistema neurocientífico de fusão biotecnológico apresenta a regra do repetir, imitar e interagir, numa tarefa algorítmica biomimética, enquanto receita para a modelagem e aprimoramento dos robôs, que ainda são máquinas de aprendizagem comportamental, mas em breve teremos o contrário, a virada do tabuleiro deste jogo, serão a fonte de inspiração ao cérebro para aumentar nossa capacidade de raciocinar e de reconectar as maneiras pelas quais nós aprendemos (KELLY, 2015).

No sentido exato dessa equação, as tentativas de emulação da percepção, cognição e capacidade do cérebro tem sido de extrema obsessão às gigantes da tecnologia. A IBM tem realizado extensivamente, de acordo com Kelly (2015), pesquisas neste campo para confecção de chips cerebrais neurossinápticos unidos a sistemas neuromórficos escaláveis. Em outras palavras, hardware projetado para emular os processos da rede neural do cérebro, um projeto sistemático da IBM como a supercomputação cognitiva Watson, uma tecnologia de aperfeiçoamento da comunicação

via assistente inteligente que empregaria a manipulação da linguagem natural com a de máquina. Essa é a definição de sistemas cognitivos de aprendizado em escala para obter o refinamento de um raciocínio que prossiga em direção à interatividade de forma natural com os humanos, com a percepção personalizada de quem está aprendendo (RAJESHWARI et al., 2020). Segundo Kelly (2015), esta nova colocação faz a substituição total da compreensão anterior e convencional acerca das máquinas, ou seja, elas não mais serão programadas, e sim, ensinadas, portanto, aprenderão e raciocinarão conosco, com as experiências e com a modulação ambiental.

Logo, isto significa que, conseguir efetuar a ação de modelagem e aprimoramento comportamental em robôs trará impacto na subjetividade e também progresso de aprendizado profundo de máquinas, um irá interferir evolutivamente no outro de modo simultâneo e recíproco. A encarregada desse mecanismo é a rede neural, um intrincado sistema adaptativo de grande capacidade de modificação a partir de sua estrutura interna à medida que novas informações, conhecimentos são abastecidos em sua linha de computação cognitiva. Formalmente, é imprescindível compreender ou forjar o cérebro como um computador para transpor as futuras descobertas e conhecimentos no sentido de evoluir as máquinas cognitivas. Eis, de fato, a composição de corpos – barro e ferro – humanos e máquinas; racionalização e inconsciente, que parecem não se conjuntar nessa dinâmica discursiva, qual seja, o lugar da lógica experimental dedutiva alicerçada nas construções matemáticas versus as observações de escuta clínica em caráter indutivo, por vezes, engrenado no *telos* filosófico, literário e artístico.

Setting terapêutico virtual, seus layouts e espelhos

A urgência por biossegurança foi a impulsão à aplicação das novas tecnologias da informação em contextos sociais e de trabalho nos quais não era tão convencional. Dentre eles, atendimentos psicológicos comunitários de clínica-escola institucional como condição imprescindível à formação no curso de graduação. A necessidade fez descobrir novas possibilidades antes tratada com severa desconfiança de parte dos profissionais, pacientes e alunos. É verdade que existe resistência, que em certo grau, merece atenção

por conta de receios como ações antiéticas, fatores prejudiciais ao sigilo e privacidade², e na soma dessas variantes, a substituição do profissional, por exemplo, simulação de terapias por meio de aplicativos de inteligência artificial, algo ainda não regulamentado, mas que ventila a aproximação desta interoperação em teste.

Com base nisso, é importante ressaltar que a psicanálise representa paradoxalmente a racionalização e o valor da consciência, concomitantemente, em que desestrutura estas fundações ao incluir em seu bojo processual elementos intrínsecos da esfera do inconsciente. Essa aparente contradição tem uma simples explicação, que podemos entender com a contribuição de Almeida e Atallah (p.151, 2009), “O inconsciente, em Freud, é algo que foge ao racional, mas não ao lógico, sendo passível de interpretação através de uma análise de seus simbolismos”. A manifestação dos enredos metafóricos e metonímicos do inconsciente, portanto, está no interior das expressões de normatividade significantizadas nos mecanismos de defesa: projeção, identificação, linguagem, inibição, e claro, racionalização. A ligação desses conceitos psicanalíticos com as tecnologias digitais, que tem funcionado como o próprio setting de atendimento clínico traz condições implicadas ao campo de subjetivação enquanto modificações de ordem perceptiva, sintomática e sensorial.

De acordo com o que expusemos, a tendência prospectiva é de que corpo e tecnologia passem a ser integrantes de uma formação maior: a nanobiotecnologia. Lacan (1969-70/1992) percorreu os tempos analógicos da técnica, seu ponto mais culminante em relação aos dispositivos técnicos foi com os gravadores nos quais soavam sua voz enquanto *objeto a*, nesse sentido, tais objetos eram o depósito em que se podia deixar

2 Absolutamente relevante lembrar e enfatizar que nos termos da *Resolução CFP Nº 11/2018*, é regulamentada a prestação de atendimentos psicológicos e supervisão de estágio curricular, processos de seleção e aplicação de testes psicológicos por meio online. Tal habilitação somente é permitida aos profissionais cadastrados no e-Psi (Cadastro Nacional de Profissionais de Psicologia para Prestação de Serviços Psicológicos por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação, TICs) e autorizados pelo Conselho Sistemas de Psicologia, cujo órgão supremo é o CFP, Conselho Federal de Psicologia. Assim, fundamenta-se e organiza-se o trabalho prestado do ponto de vista ético, técnico e científico da Psicologia. Critério especial para o recurso tecnológico, o público alvo atendido, e a compatibilidade do serviço prestado com a ferramenta utilizada. Portanto, como normativa do estágio da clínica-escola, o atendimento ficou destinado somente ao público adulto; formato restrito a videochamada; ambiente digital com segurança tendo o selo de criptografia que assegura a restrição da conversa entre as duas partes envolvidas; fone de ouvido para minimizar o vazamento da conversa; celular e ou computador de usos intransponíveis, proibido gravar o atendimento.

guardada a palavra sonorizada, pois tinham o poder de remover e ritmar o gozo da voz, a pulsão vocal, e para o psicanalista francês isso era uma espécie de codificação do significado entre linguagem vocalizada, palavra e som sentido de tal maneira compartilhada com o outro, que poderia ouvir a voz de Lacan em seus seminários separada do corpo dele e daquele momento, embutida num equipamento de sinal elétrico. O nome desse lugar para Lacan era Aletosfera, o grande reino da verdade em que se está conectado à singularidade do próprio gozo conforme o registro do Outro.

Neste caso específico, um mundo de reprodução e criação, das imagens, sons, tempos, lugares e inovação tecnocientífica com a internet e suas comunicações. As esferas do social, do sofrimento mediados e comportados digitalmente e encapsulados no regimento do discurso da ciência. Daí que, os fluxos de angústia, desejo e pequenos circuitos de sintoma aliado com a mobilidade tecnológica entram em cena no procedimento de escuta clínica. As categorias sensibilizadas e mais recorrentes nesse percurso de trabalho dos estágios clínicos foram: *espelhamento, imagem, refração, direção reflexiva do olhar e posição geométrica*. É prático justapor esses itens na questão do ver e ser visto em contraposição à figura do psicanalista como define Suler (2004), uma entidade ambígua, invisível, longe das vistas do paciente, sem apresentar um corpo e expressão facial, apenas reverberando o corte proposicional linguístico no tempo desejante de escuta. O propósito é desarticular a barreira da vergonha, da repressão e liberar a cadeia de significantes do corpo falante.

Arriscamos o complemento com Lacan (1949-1998), no Estágio do espelho no qual ocorre o efeito dos primeiros encontros do sujeito com ele mesmo e com outro na presença de um visual pré-simbólico, ou seja, bebê se visualiza no espelho cujo reflexo simboliza as margens das (re) ações dos outros em relação ao corpo dele. Lacan considera que a percepção do bebê nesse ato será a de engano em se enxergar como unificado, lógico e portador de um corpo. Relação de conflito entre o Eu percebendo a si mesmo e o que é na verdade a percepção da imagem do outro imaginado. Reescrevendo esses aspectos para a situação de atendimento, temos, em primeiro a refração geométrica com o desencontro visual, olhar para a câmera não realiza olhar nos olhos da outra pessoa. Em segundo, a instabilidade do sinal e inviabilidade da transmissão

síncrona com *delays*, atrasos que performam corpos congelados, desconjuntados, corpos duplos e não reais parecendo gráficos forçando ainda mais o tempo da dúvida sobre a palavra e suas conexões com a montagem da narrativa do paciente. Em terceiro, a consequência do assincronismo que efetiva bocas sem som e vozes sem corpo numa mescla de estranheza dissociativa.

Em quarto, atenção voltada para compreender a maneira pela qual o outro posiciona a câmera de seu aparelho: muito baixa dando uma representação de opressão de quem olha de cima; ênfase em determinadas partes do corpo ao colocá-las em primeiro plano e esconder o restante; desvio de iluminação que apaga as bordas composicionais do ambiente. A tecnologia fornece amarras, limites e infinidades aos envolvidos numa duplicidade de presença e ausência, prática e imaginação, ser e não ser, ao vivo, passado e futuro tudo ao mesmo tempo. Sobre isto, Suler (2004) explica as cenas características dos efeitos psicológicos de desinibição advindos de contextos de comunicação no formato remoto ou online, o autor elenca atos sintomáticos de usuários tais como: anonimato pela ilusão de invisibilidade de si, dos sentimentos do outro e da lei, menos repressão na ideologia do “tudo é autorizado”, afrouxamento das proibições e liberação de desejos.

A propósito do serviço da clínica-escola houve com certa frequência uma inibição, ansiedade e insegurança dos estagiários em oposição aos pacientes, que ratificaram o diagnóstico de Suler (2004) de desinibição online por estar à distância, dentro de casa, e não sentir como divisíveis o espaço privado do público, tudo vira parte e uma grande extensão, de modo presencial no famigerado face a face, há uma retração de satisfação de gozo importante para o vínculo terapêutico. Entretanto, Suler (2004) também faz a ressalva de que essas atitudes são meras lembranças e reproduções da própria vida social do indivíduo e de suas relações.

Nesse ensejo, sintomas no formato de queixa e pré-ocupação repercutiram no processo de linguagem discursiva dos estagiários. *“E se o paciente tirar um print e postar nas redes sociais com a legenda “em terapia neste momento”; e se gravar o atendimento e compartilhar com os outros; e se remover de contexto uma fala; e se fazer DeepFake com meu rosto; e se estiver transmitindo simultaneamente para os outros esse*

atendimento; e se eu virar meme e viralizar”. Reitera-se que, não são perguntas, por isso, não há interrogação, são ideias obsessivas e todo sintoma de obsessão objetiva o controle total em seu procedimento inicial, de modo a procrastinar ao máximo o início da atividade ou anulá-la por completo, para no fim ficar em dúvida novamente em razão do que não foi realizado, como poderia ter sido se tivesse concretizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas particularidades retratadas são sensações refletidas dos estagiários em relação ao posicionamento visual colocado pelos pacientes diante de suas telas, em outras palavras, fantasias que atravessam o eixo do trabalho, as quais não são negativas ou prejudiciais, todavia, transformações radicais na direção de reinvenção e flexibilização da posição ocupada em virtude da necessidade de adaptação. A experiência como sempre propõe desafios a serem articulados ao campo metodológico e filosófico da psicanálise e de suas demandas interpretativas prática transformadas pela era tecnocientífica e digital. As interrelações com constante alteração dos corpos, das interioridades e exterioridades dos modos de subjetivar, sentir e expressar as narrativas e discurso de linguagem passam por reajuste estrutural com muita intensidade e velocidade, tão disruptivas quanto as inovações de mercado e da tecnociência. .

As tecnologias digitais propiciam e modificam a percepção das fronteiras dos espaços, inclusive, entre a materialidade e o psiquismo, podendo o pensamento e a externalização das emoções e das dores se estenderem e entrelaçarem-se em operações computacionais maquínicas. A corporificação emaranhada refletida e armazenada em pixels e catalogada em dados algoritmos apresentam o estado dual entre o realismo psicológico e o realismo digital. Nesse sentido, esse trajeto explicita uma experiência subjetiva corporal via inconsciente tecnológico. As novas tecnologias, como se sabe, aprendem, respondem e ofertam sugestões diversificadas para a economia do tempo e facilitação das condições de vida. Por outro lado, instalam possibilidades de busca por objetos imateriais simbólicos ao produzirem e infiltrarem alterações reais no inconsciente de seus usuários com impacto na consciência visual do próprio corpo e do outro revelando novas demandas nos espaços de sofrimento, acolhimento e supervisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. P. ATALLAH, R.M.F. clínica, a interpretação psicanalítica e o campo de experimentação. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 149-157, 2009.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP 11/2018 comentada: orientações sobre a prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia de informação e comunicação. Brasília, 28 de setembro de 2018. Disponível em: <https://e-psi.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Resolu%C3%A7%C3%A3o-Comentada-Documento-Final.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2021.

DEAN, J. **Blog Theory: Feedback and Capture in the Circuits of Drive**. Cambridge: Polity, 2010.

FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos [1937-1939]**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KELLY, J.E. **Computing, cognition and the future of knowing: How humans and machines are forging a new age of understanding**. Somers, NY: IBM Corporation, 2015.

LACAN, J. (1979). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. (1969-1970). **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MELONI, M., WILLIAMS, S. MARTIN, P. Biosocial Matters: Rethinking Sociology-Biology Relationship in the Twenty-First Century, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/303100106>. Acesso em: 17 mar. 2021.

RAJESHWARI M, et al. **IBM Watson Industry Cognitive Education Métodos**. International Journal of Case Studies in Business, IT, and Education (IJCSBE), Vol. 4, 2020.

SULER, J. **The Online Disinhibition Effect**. *Cyberpsychology & Behavior*. Vol. 7, Number 3, pp 321-326, 2004.

VISUALCAPITALIST. What Happens in an Internet Minute in 2019? 13 march. 2019. Disponível em: <https://www.visualcapitalist.com/what-happens-in-an-internet-minute-in-2019/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/BAURU). Mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ARARAQUARA) com bolsa do CAPES/CNPQ. Atualmente, é docente e supervisor clínico no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis (SP).